

Homossexualidade em discurso¹

COSTA, Dandara de Souza²
COSTA, Juliana Pereira da³
ELEUTÉRIO, Monique das Chagas⁴
SIMAS, Hellen Cristina Picanço⁵

Universidade Federal do Amazonas
(Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia)

RESUMO

O presente artigo analisa discursos do catolicismo, do protestantismo e do espiritismo acerca do tema homossexualidade, a fim de perscrutar quais são as formações ideologias e os sentidos presentes em cada dizer. A base teórica fundamenta-se na Análise de Discurso de linha francesa, representada por Michel Pêcheux (1967), nos trabalhos de Dieter (2012), Silva (2010), Dias (2005), Fernandes (2008), que tratam, respectivamente, sobre homossexualidade; histórico e surgimento do Protestantismo; origem do catolicismo e origens do Espiritismo no Brasil. A pesquisa utilizou o método dialético com abordagem qualitativa. O corpus de estudo foi montado a partir de entrevista em profundidade com 3 sujeitos, sendo cada um membro de cada seguimento religioso em estudo. Os resultados apontam que, em linhas gerais, o Catolicismo, Protestantismo e Espiritismo têm pontos em comum: todos argumentam que Deus não abomina os homossexuais, pelo contrário, ele os ama. O catolicismo traz a ideia de que os homossexuais são aceitos na igreja, mas para descobrirem o verdadeiro sentido da vida, sentido este que seria o de constituir uma família tradicional, homem, mulher e filhos. Esse posicionamento, de certa forma, aproxima-se das ideias do Protestantismo acerca do assunto, tendo em vista que os Cristãos Evangélicos dizem aceitá-los nos cultos, mas proibir que membros da igreja sejam homossexuais, pois de acordo com os ensinamentos bíblicos passados há gerações, a prática homossexual é inaceitável. A ideologia de gênero¹ também é bastante questionada pelos protestantes, assim como o casamento homo afetivo. Para eles, só um homem é capaz de criar seus filhos, juntamente com a mulher, caso contrário, estariam tirando o papel da paternidade ou da maternidade. O espiritismo, por sua vez, entende que a homossexualidade é comum, algo natural da alma, uma espécie de remédio e reação de outra vida, sendo assim, apenas a veste de uma alma em um corpo diferente. Almas essas que estão em evolução no plano terrestre, passando por inúmeras provações.

¹ Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 24 a 26 de maio de 2017.

² Graduanda do curso de Comunicação Social/Jornalismo na Universidade Federal do Amazonas

³ Graduanda do curso de Comunicação Social/Jornalismo na Universidade Federal do Amazonas

⁴ Graduanda do curso de Comunicação Social/Jornalismo na Universidade Federal do Amazonas

⁵ Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Professora da Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

Palavras-chave: Homossexualidade; Catolicismo; Protestantismo; Espiritismo; ideologia; Análise de Discurso - AD.

Introdução

A homossexualidade é um assunto que tem suscitado bastante polêmica ao longo dos tempos. Apesar de muitas transformações e progressos sociais, o preconceito ainda está bastante vivo na sociedade. A intolerância faz vítimas todos os dias no Brasil e no mundo, encadeadas por uma não aceitação das diferenças e escolhas do outro. Questiona-se se a homossexualidade é um problema psicológico, biológico ou apenas uma escolha. Perguntas que constantemente cientistas e pesquisadores tentam responder na tentativa de entender questão tão polêmica e, assim, talvez diminuir o preconceito e a violência vividos diariamente por homossexuais.

O preconceito implica sempre uma relação social. Aparece como um modo de relacionar-se com o “outro” diferente, a partir da negação ou desvalorização da identidade do outro e da supervalorização ou afirmação da própria identificação (TODOROV, 1999). A experiência mostra que é comum se ensinar as crianças que a homossexualidade é uma doença, algo abominável e contra as “Leis de Deus”. Desde cedo, as visões religiosas são usadas como argumento para convencer o outro de que a homossexualidade é algo negativo e, por isso, merece ser combatido. Apesar das ideologias religiosas serem diferentes e terem interpretações diferentes dos textos sagrados e das metáforas que neles aparecem, nota-se uma forma similar de verem a homossexualidade.

Mesmo o Brasil sendo denominado um Estado Laico, não se pode deixar de notar a influência religiosa que nos cerca, especificamente da igreja católica: há feriados nacionais para homenagear Santos e geralmente o ensino facultativo religioso em escolas públicas e privadas volta-se somente para a doutrinação com base nos ensinamentos católicos.

É válido ressaltar que, neste trabalho, será usada a terminologia homossexualidade e não homossexualismo como se poderia supor. Tendo em vista, que há uma diferença entre ambos os termos, e durante muito tempo o “homossexualismo” era visto como uma doença pela Associação Americana de Psiquiatria, portanto, para

muitos homossexuais e estudiosos a terminação “ismo” é vista como forma de propagar o preconceito. Por isso, este estudo adota o termo homossexualidade.

Diante do exposto, este trabalho tem por finalidade analisar os discursos promovidos por três diferentes esferas religiosas acerca da homossexualidade: Catolicismo, Protestantismo e Espiritismo, avaliando as ideologias presentes neles, para que pudéssemos fazer uma comparação entre as diferentes visões das referidas religiões com relação à homossexualidade. A escolha do tema surgiu a partir da necessidade do entendimento dos discursos que, em sua maioria, se mostram contra a homossexualidade até os dias atuais, muitas vezes tendo como base as ideologias religiosas.

A pesquisa fundamenta-se nas concepções de autores como: Gregolin (2011), sobre Análise de Discurso; Dieter (2012) sobre o surgimento e origem da homossexualidade; Silva (2010) sobre o contexto histórico e surgimento do Protestantismo; Dias (2005) sobre origem da igreja católica e do catolicismo e Fernandes (2008) sobre as origens do Espiritismo no Brasil. A seguir, apresentaremos dos pressupostos teórico-metodológicos, resultados e discussão da presente pesquisa.

Referencial Teórico

Análise de Discurso de linha francesa - AD

É sob o horizonte do Marxismo, da Psicanálise e da Linguística que nasce a Análise de Discurso, doravante AD (MARTINS, 2011). Muitos atribuem a origem dessa teoria a Jean Dubois e Michel Pêcheux (MUSSALIM, 2003). A Análise de Discurso tem por objeto de estudo o discurso, no qual procura perscrutar os sentidos implícitos considerando o contexto sócio-histórico: “[...] a Análise do Discurso francesa considera que os sujeitos são condicionados por uma determinada ideologia que predetermina o que poderão ou não dizer em determinadas conjunturas histórico-sociais” (MUSSALIM, 2003, p.113).

Etimologicamente a palavra discurso contém em si a ideia de percurso, de correr por, de movimento. Ou seja, a AD se interessa por estudar a “língua funcionando para a produção de sentidos”. (ORLANDI, 1999, p.17). Isto permite analisar unidades além da frase, ou seja, o texto. Logo, a AD não considera a linguagem como transparente, mas

como uma materialidade simbólica própria e significativa. Portanto, com o estudo do discurso, pretende-se compreender a língua enquanto trabalho simbólico que faz e dá sentido, constitui o homem e sua história (ORLANDI, 1999).

A outra dimensão da AD é a ideologia. Esta apresenta-se como um conjunto de representações dominantes em uma determinada classe dentro da sociedade. Como existem várias classes, várias ideologias estão permanentemente em confronto na sociedade, segundo Gregolin (2011). A linguagem é determinada em última instância pela ideologia, pois não há uma relação direta entre as representações e a língua. A essa determinação em última instância, Pêcheux (1990) denomina "formação ideológica" ou "condições de produção do discurso". Uma sociedade possui várias formações ideológicas, e a cada uma delas corresponde uma "formação discursiva" (o que se pode e se deve dizer em determinada época, em determinada sociedade).

Nas palavras de Mussalim (2003), o conceito de Formação Discursiva é utilizado pela AD para designar o lugar onde se articulam discurso e ideologia. Uma Formação Discursiva é governada por uma Formação Ideológica e como esta é um dos componentes de uma Formação Ideológica específica, ela é um espaço de embates, de lutas ideológicas.

Desta forma, a AD busca conceber como a linguagem se materializa na ideologia e como esta última se manifesta na língua. Dito de outra forma, a Análise do Discurso busca apreender como a ideologia se materializa no discurso e como o discurso se materializa na língua, de modo a entender como o sujeito, atravessado pela ideologia de seu tempo, de seu lugar social, lança mão da língua para significar (-se).

As Raízes Históricas da Homossexualidade

Na origem da homossexualidade, há algumas correntes que sustentam que a sexualidade é definida por uma conjugação de fatores genéticos, biológicos, psicológicos e sociais. A crítica que se faz a essas correntes é que não mencionam quais seriam esses fatores. Para Vecchiati (2008), há influência da genética na formação da sexualidade, tendo em vista que há maior incidência de homossexuais entre gêmeos univitelinos do que entre irmãos, sendo esses gêmeos bivitelinos ou não gêmeos. No tocante à influência cultural e ao meio social, se a definição da sexualidade dependesse desses fatores externos, certamente não teríamos homossexuais, afinal, ainda hoje a

sociedade faz apologia à heterossexualidade, apontando essa como a correta e aceitável.

Na concepção do referido autor:

Com efeito, nenhuma pessoa escolhe ser homo, hétero ou bissexual: as pessoas simplesmente se descobrem de uma forma ou de outra. Não há “escolha”, mesmo porque, se opção houvesse, certamente as pessoas optariam pela orientação sexual mais fácil de ser vivida, qual seja aquela que não sofre com o preconceito social: a heterossexual. Em suma: sexualidade não se escolhe, se descobre. (VECCHIATI, 2008, p. 64)

Embora não se tenha conhecimento da origem da homossexualidade, se genética, biológica ou social, o fato é que não se trata de uma opção livre. Ninguém quer escolher ter a orientação sexual que leve à discriminação. Além disso, esta busca incessante pela origem da homossexualidade consiste num preconceito, pois ninguém se preocupa em investigar a origem da heterossexualidade, tratam esta como normal e aceitável.

“Nos povos antigos a homossexualidade era encarada com normalidade, talvez até mais do que isso, pois representava uma evolução da sexualidade”. (SOUZA, 2001, p. 112). A homossexualidade estava presente tanto na Grécia, quanto no Império Romano e recebia o nome de pederastia, termo esse utilizado para designar o relacionamento de um homem que sente admiração, não necessariamente atração sexual por menino adolescente na fase da puberdade.

A homossexualidade também se encontrava presente no império Romano e, assim como na Grécia, era encarada com naturalidade, mas em vez de receber o nome de pederastia, era chamada de sodomia. (DIETER, 2012). Esse termo de origem bíblica era usado para designar perversões sexuais, especialmente o sexo anal, praticado tanto por homossexuais, quanto por heterossexuais, mas acabou sendo utilizado para designar atos sexuais entre dois homens. Nesse cenário, cabe mencionar que a diferença entre a homossexualidade presente na Grécia e em Roma consiste no fato de que os gregos tinham liberdade para se envolverem com meninos livres pertencentes a boas famílias, diferentemente dos romanos, que pelo fato da sexualidade estar relacionada ao poder de dominação, só poderiam se relacionar com escravos, sendo proibido relacionarem-se com meninos livres.

No Brasil, a homossexualidade também era aceita pelas etnias indígenas tal como ocorria nos povos antigos da Europa, havendo pequenas diferenças de um povo para outro, de acordo com os costumes e suas crenças, como nos informa Dieter (2012). Sendo que este cenário somente foi modificado com a influência da moral judaico-cristã, que acarretou na perseguição da prática homossexual no país, trazendo penalidades desumanas.

Já na Idade Média, o mais feroz dos preconceitos contra a homossexualidade encontrava-se nas religiões. Para a maioria das religiões, toda atividade sexual diversa da procriação era considerada um pecado, uma vez que se estava descumprindo com a ordem “crescei e multiplicai-vos”. (DIETER, 2012)

Como nesta época as pessoas morriam jovens, aos 30 anos, outro argumento utilizado pela pregação preconceituosa é o fato dos casais homossexuais não terem como gerar filhos, sendo que isso resultaria no fim da humanidade. Argumento este insustentável, pois, para isso acontecer, todas as pessoas precisariam se tornar homossexuais. Porém, sabe-se que ninguém se torna homossexual ou heterossexual, uma vez que a orientação sexual é inerente à pessoa. Além disso, acreditavam que os homens tinham uma quantidade limitada de sêmen, assim, não poderiam desperdiçá-los em vão.

Origens históricas do Protestantismo.

O marco fundante da história do protestantismo situa-se no ano de 1517, quando o teólogo Martinho Lutero rompeu com a Igreja Católica, afirmando que tal igreja distorcia a palavra bíblica (SILVA, 2010). Segundo a interpretação de Lutero, o homem não pode alcançar a salvação por meio de ações, compra de bênçãos, caridade, doações ou boas atitudes, mas pela fé. Esse pensamento vai de encontro à comercialização de graças ocorridas no seio da Igreja Católica. Desde então, surgiu um novo movimento religioso cristão não católico: o protestantismo, o qual foi conceituado por Jean Boisset como:

[...] algo diferente; e, sobretudo uma atitude de interioridade, um movimento da mente, um jato da consciência, uma resposta à indagação inquieta do homem a respeito das suas relações com Deus:

é uma atitude de pensamento e de vida no seio do cristianismo que se pretende fiel ao evangelho (1971, p. 09)

Assim, Jean Boisset, nesse trecho, diferencia o protestantismo do catolicismo, caracterizando aquele como proveniente da racionalidade, pois é uma resposta à "indagação inquieta do homem", além de ser diferente no sentido de que o catolicismo demonstrava sua fidelidade à interpretação do sacerdote, contrastando com o protestantismo que se orienta pela livre interpretação do evangelho.

Hoje, cresce cada vez mais o número de igrejas, chegando a mais de 100 denominações diferentes no Brasil. Atualmente, os protestantes são conhecidos pelo nome “evangélico”, cujo nome adquirido pela defesa da livre interpretação dos Evangelhos bíblicos. Evangélicos “são praticamente todas as correntes nascidas do racha entre o teólogo alemão Martinho Lutero e a Igreja Católica, em 1517” (GWERCMAN, 2004, p. 53).

Podemos dividir o que hoje chamamos de evangélico em três categorias: os tradicionais, os pentecostais e os neopentecostais. Os tradicionais são aqueles que tiveram origem a partir do rompimento de Lutero. Produtos de variadas interpretações, as denominações tradicionais rejeitam a adoração de imagens, não creem na glossolalia (dom de falar em línguas estranhas) e também não acreditam no exorcismo, concentrando-se no aprendizado das Escrituras e aplicação desses ensinamentos em sua vida, ou seja, "a Bíblia constitui-se em um recipiente de memória escrita ao qual é preciso voltar continuamente" (SOUZA; GOUVEIA; JARDILINO, 1998, p.104). São eles: luteranos, anglicanos, presbiterianos, batistas e metodistas.

Os pentecostais têm origem em 1901 nos Estados Unidos quando um grupo de pessoas se reuniu para fazer orações em uma vigília (SILVA, 2010). Sua crença diferencia-se da dos tradicionais, pois, além de crerem na palavra escrita, admitem as manifestações do Espírito Santo na cura de enfermidades, nas profecias, dentre outros. Os pentecostais conservam costumes rígidos, como a proibição de mulheres de usarem calças, cortar o cabelo, se depilarem, casar-se com homens não filiados a mesma religião, como nos diz Machado (1996). Podemos citar como membros desse grupo a Congregação Cristã do Brasil, a Assembleia de Deus, a Igreja do Evangelho Quadrangular, Deus é Amor, dentre outras.

Os neopentecostais surgiram por volta da década de 1970. Esta admite todos os preceitos dos pentecostais, porém diferenciam-se destes pelos costumes menos rígidos.

Tal liberalização dos usos e costumes tem um objetivo: evangelizar o máximo possível (MARIANO, 1999). Do grupo dos neopentecostais, fazem parte a Universal do Reino de Deus, a Renascer em Cristo e outras. Basicamente é dessa forma que o protestantismo se constitui.

O surgimento do Catolicismo

A origem do catolicismo foi em razão do desvio doutrinário das igrejas primitivas, segundo Dias (2005). Após a morte de Cristo, fundador da Igreja, seus discípulos tiveram que enfrentar a oposição ferrenha das autoridades romanas que controlavam toda Palestina. Devido aos ataques dos adversários os discípulos fugiram de Jerusalém e por onde passavam o Evangelho era anunciado.

Entretanto, a crise do Império Romano e a franca expansão dos praticantes dessa nova religião acabaram forçando o império a ceder a essa nova situação no interior de seus territórios. Por isso, ao longo do século IV, o catolicismo se tornou a religião oficial do Império Romano, favorecendo enormemente a expansão dessa religião ao logo de uma vasta região compreendendo a Europa, a África e partes do mundo oriental.

Em sua organização, o catolicismo é marcado por uma rígida estrutura hierárquica que se sustenta nas seguintes instituições: as paróquias, as dioceses e as arquidioceses. Todas essas três instituições são submetidas à direção e ensinamentos provenientes do Vaticano, órgão central da Igreja Católica comandado por um pontífice máximo chamado de Papa. Abaixo de sua autoridade estão subordinados os cardeais, arcebispos, bispos, padres e todo o restante da comunidade cristã espalhada pelo mundo.

Historicamente, o catolicismo chegou no Brasil em 1500, mesmo ano de seu descobrimento. Por herança da colonização portuguesa, o catolicismo foi à religião oficial do país desde a sua primeira Constituição, em 1824, até 1890, quando a liberdade religiosa foi instituída por decreto, o que passou a constar nas Constituições brasileiras a partir de 1891. “Depois disso, pelo fato de já ter sido a religião oficial do país, o catolicismo permaneceu sendo a religião mais aceita socialmente e a não adesão a ele trazia obstáculos à ascensão social” (BEGUOCI, 2007, p. 9).

O Brasil já tem sido descrito como “a maior nação católica dos nossos tempos” pelo fato dos seus habitantes constituírem atualmente o mais numeroso grupo nacional católico. A maioria do povo brasileiro professa a religião católica, consideram-se

“religiosos” e verdadeiros católicos, ainda quando interpretem a seu modo à religião; muitos deles sentir-se-iam ofendidos se lhes fosse negada a categoria de católicos ou se os confundissem com “materialistas”, “descrentes” ou “antirreligiosos”.

Origens do Espiritismo

O espiritismo é, ao mesmo tempo, religião, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica, que consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os espíritos. Como filosofia, compreende todas as consequências morais decorrentes dessas mesmas relações. Para Allan Kardec, (Hyppolite-Léon-Denizard Rivail), nascido em Lyon em 3 de outubro de 1804, fundador da doutrina espírita (1859), o espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal.

Normalmente o espiritismo é encarado como uma seita mística-cristã com elementos orientais em seu corpo doutrinário. Quatro de seus pressupostos são mais conhecidos: i) a imortalidade da alma, ii) a continuidade da vida após a morte, iii) a possibilidade dos vivos se comunicarem com os mortos e iv) a reencarnação (retorno de um espírito a um corpo, reiniciando uma nova vida). Estes pressupostos teóricos são fundamentados a partir de uma base científica, filosófica e religiosa.

A origem do espiritismo tal qual é exposta por adeptos e estudiosos do meio espírita, se deu por meio de uma série de fenômenos que eram em sua maioria provenientes ou derivantes das então chamadas “sessões de mesas girantes ou dançantes”, de acordo com Fernandes (2008). Essas sessões consistiam em reuniões em que pessoas se reuniam à volta de uma mesa e proferiam orações/evocações, conduzidas por um participante. A mesa parecia ganhar vida e “bailar” na presença das pessoas.

A doutrina espírita vem ganhando cada vez mais adeptos com o passar dos anos. Em 2016, os 3,5 milhões de seguidores do espiritismo fizeram com que o Brasil se tornasse a maior nação espírita do planeta (SUPER ABRIL, 2016).

Metodologia

A pesquisa realizada foi a descritiva, que, segundo Barros (2009) e Lehfeld (2009), procura descrever os fenômenos, sua natureza, característica, causas, relações e

conexões com os acontecimentos. A pesquisa descritiva engloba dois tipos: a ‘pesquisa documental’ e/ ou ‘bibliográfica’ e a ‘pesquisa de campo’, abordando dados que merecem ser estudados e cujo registro não consta de documentos.

Os métodos de abordagem são técnicas suficientemente gerais para se tornarem procedimentos comuns a uma área da ciência ou a todas as ciências. Neste estudo, utilizou-se método dedutivo, que considera que a conclusão está implícita nas premissas, cuja escolha nos ajudará nas devidas conclusões no final do trabalho. A coleta de dados foi realizada com os seguintes instrumentos: gravador de voz e questionários.

O corpus de estudo foi montado a partir de entrevistas de integrante de cada religião, sendo eles: Um padre da igreja de São José Operário, natural das Filipinas (Entrevistado I); um pastor e professor que atua à frente da Igreja do Ministério do Evangelho Pleno (Entrevistado II) e uma coordenadora e presidente do Centro Espírita Anna Prado “Amor e Caridade” (Entrevistado III). Todas as instituições localizam-se no município de Parintins, estado do Amazonas. Em seguida, analisaram-se as entrevistas de maneira qualitativa.

Resultados e Discussões

Perspectivas católicas sobre a homossexualidade

A pesquisa foi realizada no Município de Parintins, Estado do Amazonas, onde há paróquias em cada bairro da cidade, nas quais são realizadas missas e demais encontros semanais. Segundo o Padre da Paróquia São José Operário, a Igreja Católica não discrimina de forma alguma os homossexuais, pois, por ser a igreja a “Casa de Deus”, todos são bem-vindos, independente de escolhas sexuais. Observou-se que em todo momento o Padre se preocupa em não colocar sua própria visão, e sim, da Igreja Católica no contexto geral, quando diz:

Procuramos seguir as leis dos dez mandamentos, assim como diz “E Jesus disse-lhe: Amarás Senhor Teu Deus de todo o teu Coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: amarás a teu próximo como a ti em mesmo. Destes dois mandamentos dependem

toda a lei e os profetas”, Mateus 22:37-39, (ENTREVISTADO I, 2016).

O Padre salientou que na bíblia está escrito que o homem deve constituir uma família, por isso Deus fez o homem e a mulher, o que coloca em evidência que o homem e a mulher têm que gerar filhos, como se fosse algo obrigatório, uma espécie de missão na terra. Missão essa que seria impossível para um casal homossexual. No discurso em estudo, verifica-se a formação ideológica dos ideais católicos sendo colocados como universais e nota-se que ela sustenta o preconceito contra as pessoas homossexuais.

O padre em nem um momento levou em consideração a questão da adoção de crianças por casais homo afetivos, ressaltando a ideologia de que pai e mãe seriam apenas aqueles que gerassem seus filhos biologicamente. O padre para respaldar a tese de que a única relação aceita, segundo a bíblia, é entre o homem e a mulher, citou este versículo:

Porque o varão não provém da mulher, mas a mulher do varão. Porque também o varão não foi criado por causa da mulher, mas a mulher por causa do varão [...] **Contudo, nem o varão é sem a mulher, nem a mulher é sem o varão, no Senhor.** Porque, como a mulher provém do varão, assim também o varão provém da mulher, mas tudo vem de Deus. (1 CORINTIOS 11:8,9,11,12; grifo nosso).

Em outro trecho, o padre afirma:

Não temos qualquer preconceito contra eles, pelo contrário, são muito bem-vindos para **conhecer o verdadeiro sentido** da vida. Nós os amamos, porque Deus é amor, mas eles não são **pessoas normais** como deveriam ser. Deus diz que o homem e a mulher têm que procriar e um casal homossexual não fará isso. (ENTREVISTADO 1⁶, INFORMAÇÃO VERBAL; CONCEDIDA ÀS AUTORAS; 2016; GRIFO NOSSO)

O trecho “Conhecer o verdadeiro sentido da vida” mais uma vez coloca as crenças da igreja como algo universal. Por que não conheceriam o sentido da vida? Por serem homossexuais? Quando o Pe. cita que são bem-vindos à igreja para conhecerem o verdadeiro sentido da vida, percebe-se que não são bem-vindos pelo que são, e sim, porque terão uma espécie de “cura”, uma vez que não são pessoas normais. Pessoas normais seriam as que geram filhos. Os trechos citados são exemplos das formações

⁶) Entrevistado I

discursivas que em todo discurso do entrevistado revelam a formação ideológica da igreja católica no que diz respeito a homossexualidade: precisam ser “curados”, isto é, precisam aderir à ideologia da igreja.

Identificou-se no discurso do religioso, a formação ideológica de que a pessoa homossexual pode ser um pedófilo, vejamos:

Dentro da igreja, até mesmo no seminário, são descobertos muitos casos de homossexualidade, isso é algo muito comum hoje em dia. Há Padres homossexuais, mas quando são descobertos são afastados da igreja, até mesmo por precaução em casos de pedofilia. Assim como há homens casados com mulheres e que escondem que são homossexuais, isso é um grande erro. (ENTREVISTADO 1, INFORMAÇÃO VERBAL; CONCEDIDA ÀS AUTORAS; 2016)

O padre retoma, mais uma vez, a ideologia de que ser homossexual é ser contra as leis de Deus e que não são dignos de assumir uma posição de pregadores da palavra de Deus, uma vez que, quando descobertos, são expulsos da Igreja Católica. Outro ponto importante citado, é que a Igreja Católica associa a questão da homossexualidade à questão da pedofilia, o que de certa forma se torna preconceituoso, pois entende que todo homossexual pode ser um pedófilo.

O entrevistado acrescentou que na Bíblia há comparação da mulher com a igreja: “Os maridos devem amar suas esposas, como Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela” (EFÉSIOS 5:25). Assim, se a mulher é enganada, ao se casar com um homossexual, o mesmo acontece com a igreja, ou seja, é enganada quando padres escondem suas verdadeiras opções sexuais.

Diante do exposto, verifica-se que a formação ideológica da igreja católica é a de que pessoa homossexual é doente, pode ser um pedófilo e que precisa mudar de opção sexual.

A visão do Protestantismo acerca da Homossexualidade

Apesar da imagem que se configurou às religiões no geral, como sendo as mais severas perseguidoras dos homossexuais nos séculos passados, muitos pastores não são favoráveis a essa ideia, como nos disse o pastor da Igreja Assembleia de Deus:

Nenhuma igreja cristã evangélica hoje tem algo contra a homossexualidade, nós amamos os homossexuais, assim como qualquer cidadão comum. Eles como indivíduos têm todos os seus direitos garantidos pela Constituição. É diferente, quando se fala da aceitação da prática homossexual. Nesse caso, não podemos aceitar tal ato por entendermos que isso foge dos princípios da família, **que são os princípios da ideologia de gênero**. (ENTREVISTADO LL, INFORMAÇÃO VERBAL; CONCEDIDA ÀS AUTORAS; 2016; GRIFO NOSSO)

A **ideologia de gênero ou ideologia da ausência de sexo** citada pelo pastor entrevistado defende a ideia, segundo a qual, não existe apenas a mulher e o homem, mas que existem também “outros gêneros”, e que qualquer pessoa deva ter o livre arbítrio de escolher qualquer opção sexual que achar certo.

De acordo com o pastor, a base de uma sociedade é a família, a partir do momento em que outra ideologia tenta barrar a base da família desestrutura a sociedade, isto é, a ideologia de poucos que querem impor os seus costumes e cultura para uma maior aceitação. É, nesse sentido, que a religião evangélica se posiciona ser contra, pois ainda defendem a formação ideológica de que a família deve ser formada apenas entre homem e mulher, tendo em vista que na criação Deus fez homem e mulher para ser a base da família, sendo os únicos capazes de educar os filhos. Não levou em consideração e nem citou sobre a questão da doação homo afetiva.

Uma minoria pretende fazer refém uma maioria. Acaba-se a paternidade, o sexo pode ser feito a qualquer hora, o homem se relaciona com a mulher, mas pode se relacionar com outro homem, o incesto é permitido. Ou seja, é uma ideologia infernal que vai tentar tirar o conceito de família, que é a base da sociedade. (ENTREVISTADO II INFORMAÇÃO VERBAL, PESQUISA DE CAMPO, 2016).

Apesar dessa visão, o pastor deixa bem claro que não é proibida a entrada de pessoas homossexuais nos cultos ou qualquer outro evento, até porque todos os cidadãos têm direito de ir e vir, salientando que a prática homossexual é que não é aceita pelos cristãos evangélicos. Portanto, verifica-se que a formação ideológica a igreja evangélica é parecida com a da igreja católica: pessoas homossexuais são aceitas nos templos para terem a forma de pensar modificada, para que se tornem heterossexuais.

Percebeu-se, nas entrelinhas do discurso, que o pastor tem como referência para a sua análise e para o seu posicionamento o que está escrito na bíblia, mais especificamente em Romanos Capítulo I. Nesta passagem bíblica, o Apóstolo Paulo fala e explica do por que da prática homossexual ser comum nos últimos dias. Neste trecho diz assim:

Portanto, a ira de Deus é revelada dos céus contra toda impiedade e injustiça dos homens que suprimem a verdade pela injustiça. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos e trocaram a glória de Deus imortal por imagens feitas segundo a semelhança do homem mortal. Por isso, Deus os entregou a paixões vergonhosas. Até suas mulheres trocaram suas relações sexuais naturais por outras, contrárias à natureza. Da mesma forma, os homens também abandonaram as relações naturais com as mulheres e se inflamaram de paixão uns pelos outros. Começaram a cometer atos indecentes, homens com homens, e receberam em si mesmos o castigo merecido pela sua perversão. (ROMANOS, 1: 19-32).

Portanto, no seguimento cristão, o protestantismo reprova a prática da homossexualidade, mas esclarece que devem ser absolutamente avessos a toda demonstração de violência contra qualquer pessoa, inclusive os homossexuais. Salientam que são firmes contra as práticas gays, no entanto acolhem e conduzem os homossexuais a Cristo. Aqueles, porém, que são mais recalcitrantes devem ser objeto da compaixão e do amor cristão.

Além disso, utilizam os livros bíblicos Gênesis e Romanos como respaldo para tal reprovação, alegando que tal prática é consequência de atos pecaminosos no passado que foram contra as leis de Deus.

Concepções espíritas sobre homossexualidade

O Centro Espírita Anna Prado – Amor e Caridade (CEAPAC), fundado no ano de 2009, no Município de Parintins foi o *locus* de pesquisa. Sendo entrevistada a dirigente do centro sobre a visão do Espiritismo acerca da homossexualidade

Apesar de haver nomeações de presidente, palestrantes e demais membros, não há uma hierarquia nos centros, portanto, não existe padre, pastor ou qualquer outra escala hierárquica que priorize algum membro, todos são irmãos que estão igualmente em estado evolutivo. Quando se fala em hierarquia de padres e pastores, remete-se ao

sentido de que nas igrejas evangélicas e católicas há a relação de subordinação e priorização. Padres e Pastores seriam, então, a classe dominante das instituições religiosas, tendo poder sobre seus subordinados.

As pessoas costumam ver a homossexualidade como um problema, mas não é. A doutrina espírita traz pra gente um olhar da vida muito amplo e vêm nos colocar essa situação como **algo da alma**. Ela vem tratar no sentido do amor e não no sentido puramente físico. Quando falamos no sentido do amor, falamos, pois quem ama é a alma, e **para nós espíritas, a alma não tem sexo**. Nós possuímos três corpos; a alma; o corpo *perispiritual*⁷ e o corpo físico. O que dá sexo à alma é o corpo *perispiritual* que se transforma no corpo físico quando nascemos. Diante disso, dentro da doutrina, nós **vemos irmãos que estão vestidos** em um corpo físico masculino ou feminino e que seu amor nasceu no físico de outra pessoa do mesmo sexo. Mas o que para a gente interessa é o amor e não o formato do corpo físico, não que roupa eu estou vestido nessa encarnação. Então, **nós não vemos como anormal, vemos como algo comum**. Como uma manifestação do amor, independente da estrutura física em que a alma se encontra. (ENTREVISTADO III, INFORMAÇÃO VERBAL, ENTREVISTA DE CAMPO, 2016; GRIFO NOSSO)

Entende-se que para a doutrina espírita não se nasce homem ou mulher, e sim, nessa encarnação se ESTÁ homem ou mulher. Neste caso, para a doutrina espírita, a homossexualidade é uma consequência de existências passadas. Por isso, é comum ver homens afeminados e mulheres masculinizadas. Discurso que aponta uma formação ideológica diferente das igrejas católicas e protestante, porque entende que a sexualidade é transitória uma vez que está ligada à matéria. Como a formação ideológica do espiritismo é de que há reencarnação, logo o espírito não tem sexo, mas sim o corpo que ele habita em uma determinada reencarnação. Portanto, identifica-se uma formação ideológica sobre a homossexualidade que se contrapõe a formação ideológica sobre homossexualidade sustentada pelas igrejas católicas e evangélica.

Quando a entrevistada fala “não vemos como algo anormal, mas como algo comum”, há um sentido que traz à tona todo o preconceito das igrejas e até mesmo da sociedade como um todo, que veem a homossexualidade como algo abominável, uma espécie de doença.

Mas também nós não podemos deixar de colocar o fato de que nós, seres humanos ainda em estado evolutivo muito pequeno, deturpamos muitas

⁷ relativo a perísprito; perísprito.

coisas. E vai acontecer que alguns abusam disso, assim como abusamos da comida, do álcool, do sexo. Diante disso, ocorre que alguns irmãos abusam da sexualidade, **e não é que Deus castiga, porque Deus não castiga ninguém, senão não seria Deus**, mas essa pessoa é tolhida para que não possa se prejudicar em sua evolução. (ENTREVISTADO III, INFORMAÇÃO VERBAL, ENTREVISTA DE CAMPO, 2016; GRIFO NOSSO)

Abusar da sexualidade traz sentidos que ligam o discurso à ideologia do sujeito de forma crítica aos que abusam da comida; gulosos, sexualidade; prostitutas, aos que abusam do álcool; alcoólatras, essas pessoas receberiam então a reação de suas ações nas próximas encarnações, sendo tolhidas do mal que as faziam errar. A entrevistada cita bastante que as consequências dos atos na vida terrena **NÃO SÃO CASTIGOS DE DEUS**, pois se Deus castigasse, não seria Deus, isso traz o questionamento do contexto histórico bíblico que na interpretação de igrejas católicas e protestantes aparece como um aviso para os futuros castigos de Deus. “Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará.” (GÁLATAS 6:7). Portanto, a formação ideológica do espiritismo entende que não há um castigo para os homossexuais, mas tudo aquilo o que fizerem, terá um retorno, sendo ele bom ou mau.

O que é um grande problema para a entrevistada III (informação verbal; 2016) é que algumas pessoas nascem com a alma e o corpo físico da mesma forma, mas por conviverem com pessoas homossexuais, acabam querendo se tornar também, isso é abusar, é se tornar algo que não era para ser. E alguns fazem isso com o intuito de chocar a sociedade. Nesse sentido, analisa-se que o sujeito que não nasce, mas se torna homossexual, muitas vezes, procura apenas holofotes, atenção da sociedade como um todo e principalmente da mídia. É interessante notar que existem duas formas de homossexualidade, segundo o discurso da entrevistada III: um é proveniente da reencarnação, e outro é oriundo da convivência com pessoas homossexuais, só esse segundo é criticado na visão do espiritismo. Muitas pessoas, por muito tempo, viveram como heterossexuais e até constituíram uma família, mas, com o passar do tempo, se tornaram homossexuais. Isso releva que, necessariamente, não se nasce assim, mas que, por algum motivo, torna-se homossexual.

Na doutrina espírita, “a gente vê que tudo é bom, nada é ruim, porque foi criado por Deus e Deus só cria coisas boas. Mas nós, os homens, vamos transformando as coisas boas em coisas ruins, como a gula, a preguiça, a ambição e o sexo” (ENTREVISTADO III, 2016; INFORMAÇÃO VERBAL), ou seja, há uma espécie de deturpação feita pelos homens das

coisas criadas por Deus e tudo isso reflete nas encarnações futuras. Quando se fala da gula, preguiça e sexo, vem em mente a questão dos pecados capitais, reconhecidos principalmente pela igreja católica, como algo que foi transformado pelo ser humano.

Como tudo é efeito de nossas ações e estamos em fase de evolução, por isso há a reencarnação, podemos nascer em outras encarnações em corpo físico diferente do da encarnação anterior, como forma de fazer com que nos eduquemos, assim também, se em uma encarnação uma mulher abusou da sexualidade, praticou ou fez com que praticassem adultério, se destruiu com doenças sexualmente transmissíveis, pode ser que ela venha em corpo masculino como forma de se educar, como um remédio para se melhorar. Mas muitas vezes a alma não consegue evoluir e ter o controle, e acaba cometendo os mesmos erros da vida passada. (ENTREVISTADO III, INFORMAÇÃO VERBAL, ENTREVISTA DE CAMPO, 2016)

Dessa forma, a doutrina espírita vem explicar a homossexualidade como uma espécie de bagagem de vidas passadas. Analisa-se através dos sentidos presentes no discurso que as ações, reações, provações e expiações dadas pela divindade fazem com que um determinado sujeito seja homossexual. Se você foi homem em uma vida passada, mas nesta encarnação está em corpo de uma mulher, é provável que você tenha lembranças de suas últimas encarnações e certa dificuldade em se adaptar em seu novo corpo.

Considerações Finais

Por muitos séculos os cristãos tiveram atitudes muito negativas em relação à sexualidade. Sexo era para a procriação e não para satisfazer o prazer pessoal. É indiscutível que a Igreja tenha sido a mais severa perseguidora dos homossexuais durante a Inquisição, embora no mundo antigo, a homo afetividade fosse vista como algo normal, entretanto, aos poucos as religiões foram “minando” a mentalidade social no sentido de que a homo afetividade deveria ser condenada. É óbvio que para transformar uma sociedade que não via nada demais com a homo afetividade em homofobia, demorou séculos. Em outras palavras, essa pregação contra os homossexuais passou de geração para geração até se consolidar.

Todavia, o fato da sociedade ter se tornado homofóbica, por campanhas religiosas, não quer dizer que os homossexuais tenham desaparecido. Ao contrário, a homossexualidade sempre existiu, mas diante do preconceito exacerbado, os homossexuais acabaram se submetendo à clandestinidade. Ainda hoje, algumas igrejas

veem todas as atitudes homossexuais como pecado, enquanto que outras promovem outro discurso, a aceitação da homossexualidade como algo normal.

É inegável que com o passar dos tempos a sociedade tornou-se menos homofóbica, e os homossexuais passaram a ser mais aceitos, em contrapartida, ainda hoje há um grande preconceito contra a homo afetividade principalmente dentro dos grupos religiosos. As ideologias que acompanham as religiões há séculos são os principais fatores para essa não aceitação.

Em linhas gerais, notou-se que o Catolicismo, Protestantismo e Espiritismo têm discursos comuns quando argumentam que Deus não abomina os homossexuais, pelo contrário, ele os ama. No entanto, dois grupos religiosos dividem a mesma formação ideológica: o catolicismo e o protestantismo sustentam a visão de que os homossexuais devem ser “curados”. O catolicismo traz a ideia de que os homossexuais são aceitos na igreja, mas como forma de descobrirem o verdadeiro sentido da vida, sentido este que seria o de constituir uma família tradicional, homem, mulher e filhos. Esse posicionamento, de certa forma, aproxima-se das ideias do Protestantismo acerca do assunto, tendo em vista que os Cristãos Evangélicos dizem aceitá-los nos cultos, mas proibir que membros da igreja sejam homossexuais, pois de acordo com os ensinamentos bíblicos passados há gerações, a prática homossexual é inaceitável. A ideologia de gênero¹ também é bastante questionada pelos protestantes, assim como o casamento homo afetivo. Para eles, só um homem é capaz de criar seus filhos, juntamente com a mulher, caso contrário, estarão subtraindo o papel da paternidade ou da maternidade.

A ideologia do espiritismo diverge das igrejas católicas e evangélicas, pois entende que a homossexualidade é comum, algo natural da alma, uma espécie de remédio e reação de outra vida, sendo assim, apenas a veste de uma alma em um corpo diferente. Almas essas que estão em evolução no plano terrestre, passando por inúmeras provações. E entende que há dois tipos de homossexualidade: a advinda da reencarnação e a da convivência com pessoas homossexuais.

REFERÊNCIAS

- GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **A análise do discurso: Conceitos e Aplicações**. Araraquara – São Paulo, 2011.
- SILVA, Maria Alice Siqueira Mendes e. **Sobre a Análise do Discurso**. FATEC, Ourinhos, São Paulo, 2008.
- MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Anna Christina. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**, Vol. II, 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- MARTINS, Suzana Oliveira. **Análise do discurso**. Juina – MT, 2011.
- MELO, Iran Ferreira de. **Análise do discurso e análise crítica do discurso: desdobramentos e intersecções**. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura Ano 05 n.11- ISSN: 1807-5193; São Paulo, 2009.
- NARZETTI, Claudiana. **As linhas de análise do discurso na França nos anos 60-70**. RevLet – Revista Virtual de Letras Volume 2, Número 02/2010 ISSN: 2176-9125; São Paulo, 2010.
- DIETER, Cristina Ternes. **As raízes históricas da homossexualidade, os avanços no campo jurídico e o prisma constitucional**. Curitiba: Juruá, 2001.
- SOUZA, Ivone Coelho de. **Homossexualismo, uma instituição reconhecida em duas grandes civilizações**. In: INSTITUTO INTERDISCIPLINAR DE DIREITO DE FAMÍLIA – IDEF. **Homossexualidade: discussões jurídicas e psicológicas**. Curitiba: Juruá, 2001, p. 112.
- Por que o espiritismo pegou tanto no Brasil**. Página consultada em 30 de julho de 2016; disponível em: <http://super.abril.com.br/cultura/por-que-o-espiritismo-pegou-tanto-no-brasil/>.
- OLIVEIRA, Sônia Raquel Faria. **Homossexualidade**. Coimbra, Dezembro de 2004.
- Eastman (1990), “**Homossexualidade, Não é pecado não é doença**”. Página consultada a 19 de Julho de 2016.
- Disponível em <http://www.soulfoodministry.org/docs/Portugese/Port_NotAS_in.htm>.
- BUSIN, Valéria Melki. **Homossexualidade, religião e gênero: a influência do catolicismo na construção da auto-imagem de gays e lésbicas**. SÃO PAULO, 2008.
- BARRETO, Rafael Chaves Vasconcelos. **A homossexualidade em foco: discutindo o padrão masculino dominante**, 2008.
- VECCHIATTI, Paulo Roberto Iotti. **Manual da Homoafetividade. Da possibilidade jurídica do casamento civil, da união estável e da adoção por casais homoafetivo**. São Paulo: Método, 2008, p. 64
- SILVA. Sandra Rosa Campi Guimarães. **PROTESTANTISMO: SURGIMENTO, SUBDIVISÕES, CRESCIMENTO NO BRASIL E SUA RELAÇÃO COM A POLÍTICA, ECONOMIA E EDUCAÇÃO**. Revista da Católica, Uberlândia, 2009.
- GWERCMAN, S. **Evangélicos. Super Interessante**. Ed 197; São Paulo, 2004, p.52-61.
- DIAS, Antônio Carlos. **A origem da igreja católica**. Bauru – São Paulo, 2005.
- AZEVEDO, Thales de. **O catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social**. Salvador: Edufba, 2002.
- KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Tradução de Salvador Gentile, revisão de Elias Barbosa. Araras, São Paulo, 182ª edição, 2009.
- FERNANDES, Paulo César da Conceição. **As origens do Espiritismo no Brasil: Razão, Cultura e resistência no início de uma experiência**. Brasília, maio de 2008.
- NEILMORIS, L. **Conhecendo o Espiritismo: Quem Somos – Onde Viemos – Para onde Vamos**. 2ª edição, 2008.

BARROS, Aildil Jesus da Silveira. Lehfeld, Neida Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed, São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

TODOROV, Tzvetan. **Nous et es l'autres. La réflexion française sur la diversité humaine**. Paris: Seuil, 1989.